

Candido Procopio, O GÊNIO COMBATENTE

Paul Singer

Conheci Candido Procopio Ferreira de Camargo em 1960. Ele era o guru dum grupo de intelectuais que tinham passado pela Escola de Sociologia e Política e continuavam perenemente seus discípulos e colaboradores. Procopio, como todos o chamávamos, lecionava filosofia e fazia pesquisas sobre religião. Erudito, virtuoso da cozinha e da adega, Procopio encantava os amigos e colegas pela vivacidade de espírito e o brilho da conversação, sempre encontrando formas originais de encarar o que à primeira vista parecia óbvio.

Seu grande interesse era a religião, quando esta ainda não estava na ordem-dia. A grande reviravolta da Igreja Católica, com a irrupção da Teologia da Libertação, só viria anos mais tarde. Sempre imaginei que os então poucos estudiosos da religião deveriam ser, eles mesmos, religiosos. Mas, Procopio não o era, isto é, não pertencia a qualquer igreja, seita ou comunidade religiosa. Tinha sido noviço da Ordem Dominicana, mas abandonara o hábito e por suposto perdera a fé.

Um dia, surpreendeu-me afirmando que eu (ateu convicto) era religioso. Aprendi então que podia-se ser religioso sem pertencer conscientemente a alguma religião específica e mesmo sem saber que se o era. Neste sentido, a condição de religioso significava ultrapassar

os interesses pessoais e se dedicar com paixão a alguma causa. A essência da prática religiosa seria não o culto, o ritual, mas *servir*, colocar-se a serviço do outro, de outros, dos necessitados, pela única razão de eles o serem. Os que assim se põem a serviço duma causa, se encontram naturalmente ligados entre si numa paixão comum — por laços autenticamente religiosos, à medida que re-ligião significa re-ligar os homens por algo que os transcende e transforma.

Neste sentido, Procopio continuou sendo profundamente religioso. Mas sua religiosidade não estava à flor da pele, antes se ocultava detrás dum ceticismo algo mordaz, sobretudo em relação às religiões organizadas e às ideologias totalizantes. Ela foi se revelando aos poucos, à medida que a realidade foi impondo (a ele e todos nós) suas provações.

1964: a hora da verdade

O golpe militar de 1964 representou para a esquerda brasileira o grande susto. Seus inimigos mais ferrenhos tinham se assenhoreado do poder, de modo total e ilimitado. O pior dos pesadelos virou realidade. Governadores e parlamentares eram cassados, líderes camponeses foram caçados e encarcerados, alguns assassinados; os sindicatos foram colocados sob intervenção, a imprensa sob censura.

A universidade foi ameaçada de expurgo. Alguns professores foram desde logo demitidos, listas negras eram elaboradas. Urgia contrapor à repressão o que restava de liberalismo sincero nas fileiras do novo regime. Nesta ocasião, fui ter com Procopio e permutamos nossas apreensões. Procopio não tinha tido atividade política aberta, era conhecido e respeitado por homens de todos os quadrantes ideológicos. Dispôs-se a usar esta condição insuspeita para arregimentar apoios a uma ação em defesa da universidade. Lembro-me de reuniões em sua casa, com o ex-governador Lucas Garcez e outros professores liberais, objetivando contatos com figuras no poder e próximas dele, para impedir que as melhores cabeças da universidade dela fossem expulsas. No fim, as ameaças se desfizeram e a liberdade acadêmica foi preservada, possivelmente como resultado de numerosas pressões, entre as quais as desencadeadas por Procopio. Este arriscou tranqüilamente seu *status* de insuspeito num momento em que outros mais timoratos preferiam se proteger sob o manto do silêncio.

À mesma época, o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) estava detendo dirigentes e ex-dirigentes do Partido Socialista Brasileiro para interrogatório. Quando Procopio soube que estava chegando minha vez, insistiu para que eu me escondesse em sua casa. Fui, assim, seu hóspede involuntário e pude sentir a delicadeza, o cuidado, a extrema gentileza com que tratou de amenizar nossa angústia. Pelo que sei, foi anjo da guarda de outros perseguidos — sempre discreto, generoso, abnegado. Em outra ocasião estávamos coletando fundos para auxiliar famílias de presos políticos. Procopio surpreendeu-me doando todo seu salário da Faculdade de Filosofia de Rio Claro, onde éramos colegas. Não tenho dúvida de que teria trocado de lugar com os presos, se pudesse. Não o podendo, pareceu-me que se sentia culpado por continuar em liberdade.

1968: a hora do terror

Na realidade, o que ocorreu em 1964 não passou dum grande susto. Em alguns meses, as prisões se esvaziaram, a imprensa recobrou a liberdade. A vida política e cultural voltou a uma quase-normalidade. Houve eleições, dissolução

dos partidos políticos, novas cassações, eleições com bipartidarismo, uma nova Constituição semi-autoritária. Em 1968, os estudantes se levantaram em todo o país, pela reforma universitária — no fundo, pela democracia. A maioria dos professores simpatizava com os jovens, procurou colocar-se ao seu lado. Em São Paulo, formamos a Associação Paulista de Professores do Ensino Superior, em cuja direção estivemos Procopio e eu. Naqueles meses excitantes e perigosos, Procopio mostrou sua habitual firmeza e sensibilidade. Sua presença, ao lado de Cesarino Jr. e Goffredo da Silva Teles, deu à Associação autoridade e representatividade.

A rebelião das universidades não encontrou ressonância no resto da sociedade, exceto em parte da imprensa e no Parlamento. A repressão se abateu pesadamente sobre o movimento estudantil, com prisões em massa e dissolução violenta das manifestações. Em 13 de dezembro de 1968, foi baixado o Ato Institucional n.º 5 e a noite da ditadura desceu sobre o país: novas cassações de mandatos, fechamento do Congresso, censura prévia de toda imprensa, detenções em massa. Desta vez, não era apenas um susto. O movimento estudantil reprimido passou à ilegalidade e alimentou as fileiras da resistência armada. Em resposta, armou-se gigantesco aparelho de repressão, que não hesitou em recorrer ao seqüestro, à tortura e ao assassinato.

E desta vez a universidade não foi preservada. Os professores que eram de esquerda, sobretudo os mais conhecidos e os mais admirados, foram tidos como responsáveis pela rebeldia estudantil. Em fins de abril de 1969 começaram as aposentadorias por decreto de dezenas de docentes das principais universidades públicas do país. E um Ato Complementar específico proibia que os professores punidos pudessem lecionar em qualquer universidade estatal ou que recebessem verbas do erário público. Era o banimento definitivo dos "subversivos" da vida acadêmica.

A verdade é que os expulsos receberam amplas manifestações de solidariedade de alunos e colegas. Manifestações que punham em perigo evidente os professores que não tinham sido atingidos. Procopio se encontrava naturalmente nas primeiras fileiras dos que protestaram contra o expurgo. Mas ele fez mais:

procurou de imediato formas de violar o banimento e assegurar a presença dos punidos na atividade intelectual brasileira.

A fundação do CEBRAP

Antes mesmo que o expurgo da universidade se efetivasse, um grupo de professores da USP se preparou para, na eventualidade, criar um centro independente de estudos e, assim, continuar a atuar, ainda que fora da universidade. Quando as aposentadorias ocorreram, passou-se dos planos à ação. Obtivemos o apoio da Fundação Ford e de um ponderável número de intelectuais (inclusive alguns empresários) e fundamos o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento — CEBRAP. Entre os professores que puderam continuar na universidade, vários afrontaram o considerável risco de se associar publicamente aos expurgados, entre os quais Juarez Brandão Lopes e Candido Procopio, que compuseram ao lado de Fernando Henrique Cardoso a primeira diretoria do CEBRAP. Procopio foi o primeiro presidente do CEBRAP e ocupou o cargo por longos anos, desempenhando a espinhosa missão com características dignidade e coragem, durante os períodos de maior perigo e extrema provação. No início, o CEBRAP carecia sobretudo de meios materiais, que era preciso levantar junto à Ford e à chamada "contra-partida" local. Nesta batalha acadêmica e diplomática, em que precisávamos demonstrar sobretudo *viabilidade*, obviamente todos nos empenhamos. Mas Procopio se destacou no comando ostensivo do esforço, multiplicando contatos, escudando os mais expostos com seu tato, seu sangue-frio de jogador de pôquer (dos melhores que conheci), sua inigualável fineza no trato.

Mas foi na longa luta de resistência à ditadura que Procopio revelou sua tempera. O CEBRAP se tornou, o mais das vezes involuntariamente, refúgio de intelectuais perseguidos, de ex-presos políticos, de exilados de outros Estados. A todos, o Centro procurou amparar e, sempre que possível, abrigar. O que o tornou inevitavelmente alvo preferencial da polícia política. Não poucas vezes, o CEBRAP foi visitado pelos seus agentes e sua diretoria convidada a "prestar es-

clarecimentos". Procopio, como presidente, era o mais solicitado. Sozinho ou acompanhado pelos outros diretores, ele se dirigia aos quartéis e delegacias e de lá voltava com relatos que sempre procuravam nos assegurar de que nada havia a temer, que ainda desta vez o pior já tinha passado. Penso que nestes torneios de sutileza e ousadia sua alma de jogador vibrava. Ele sem dúvida gostava de elevar as apostas, mesmo quando sua mão dificilmente o justificasse.

A partir de 1972, um grupo de membros do CEBRAP foi convidado pela Cúria a assessorá-la na defesa dos direitos humanos e na luta por melhores condições de vida da população trabalhadora. Procopio, o sociólogo da religião, foi o elo que consolidou o contato e contribuiu decisivamente para que a colaboração entre a hierarquia da Igreja e os intelectuais resistentes fosse frutífera. Suas pesquisas, que antes se tinham dirigido às novas religiões em expansão no Brasil — espiritismo, umbanda e pentecostais —, voltaram-se à Igreja das Comunidades de Base. Apesar de toda a simpatia que sentia pela Igreja dos Pobres, Procopio manteve, enquanto pesquisador, uma postura crítica e objetiva, o que nem sempre encontrou compreensão por parte dos pesquisados. O que, é preciso que se diga, é perfeitamente natural. A imagem que os engajados numa instituição têm dela nunca pode coincidir com a captada por um observador externo. Procopio reaproximou-se da Igreja nas circunstâncias dramáticas da resistência a um regime repressivo ao extremo, mas sem voltar a se juntar ao rebanho, o que talvez tenha sido imperdoável para os membros dela que mais o amavam.

As prisões no CEBRAP

Em 1974, com a abertura política promovida pelo general Geisel, o aparelho repressivo adotou uma tática de provocação, passando a perseguir a oposição não-armada. Em abril desse ano, vários pesquisadores do CEBRAP ficaram detidos por cerca de um mês, sendo inclusive torturados. Em setembro, outros membros foram detidos e um deles submetido à tortura. Estas prisões envolveram, pela primeira vez, diretamente a instituição, pondo sua existência seriamente em perigo. Em todos os casos,

as pessoas presas não tinham sabidamente envolvimento político clandestino. Nas circunstâncias da época, os motivos das detenções não eram revelados; aliás, oficialmente as detenções sequer eram reconhecidas pelas autoridades. Portanto, cumpria aos familiares, amigos e colegas "deduzir" por que as detenções teriam ocorrido. A detenção simultânea de vários integrantes notórios do CEBRAP levava à dedução óbvia de que ela tinha a ver com sua atividade nesta instituição. Dedução confirmada quando, após a segunda série de prisões, *todos* os que trabalhavam no CEBRAP foram intimados a depor no DOI-CODI.

Em defesa dos detidos e do próprio CEBRAP, os que permaneciam em liberdade lançavam mão dos poucos meios disponíveis: contatos com autoridades militares e policiais, mobilização de amigos no próprio governo federal e na cúpula da Igreja, contratação de advogados para impetrar *habeas-corpus*, difusão dos acontecimentos no país e no exterior. Esta difusão só era possível por comunicação pessoal, pois a mídia continuava sob censura. Nesta ação de autopreservação, o CEBRAP pôde contar com a solidariedade de muita gente, merecendo destaque o empenho do cardeal Evaristo Arns e do então ministro Severo Gomes.

Procopio, como presidente do CEBRAP, assumiu a liderança do combate, através duma atividade incansável. Estou convencido de que o destemor e o sangue-frio da direção do CEBRAP nesta conjuntura foram essenciais à sua sobrevivência. Procopio era a própria personificação destas virtudes. Sem jamais perder a calma, ele presidia as reuniões diárias, no casarão da Rua Bahia, transmitindo aos demais sua convicção de que superaríamos também esta provação.

Uma característica da personalidade de Procopio era a de conservar, mesmo em horas extraordinariamente sombrias, o humor, um humor seco e conciso, de fato irônico e espirituoso. Este humor tendia a nos contagiarem. Preservava-nos do perigo de cair na autocomiseração, que desarma e deprime. Relativizava o tamanho da tragédia que nos atingia. Afinal, estávamos todos ali, com boa saúde, e os que saíamos da cadeia encontrávamos um círculo caloroso de solidariedade, que nos animava a retomar a atividade no momento seguinte.

Está claro que este clima era produzido por todos, pesquisadores, estagiários e funcionários administrativos. Procopio era *um* destes todos, só que além disso ele era o presidente e, por isso, nosso principal contato com o exterior, inclusive com o próprio aparelho repressor. Por isso, sua liderança teve particular importância, induzindo o conjunto a resistir com tranqüila firmeza a ameaças e punições que, se não contássemos com ele, poderiam ser esmagadoras.

As bombas

Por esta mesma época, Procopio aceitou participar da Comissão de Justiça e Paz de São Paulo. Esta comissão centralizava grande parte da atividade da Igreja em defesa dos direitos humanos, quando estes eram espezinhados tanto no Brasil como no resto do chamado Cone Sul: Argentina, Chile e Uruguai. A atividade da Comissão de Justiça e Paz consistia na defesa dos perseguidos, no amparo aos presos e torturados e suas famílias e na denúncia das arbitrariedades e violências. Procopio empenhou-se de corpo inteiro nesta ação, sempre de modo discreto, firme, eficaz. Cumpre notar que os membros da Comissão agiam de peito aberto, afrontando o perigo de serem também vitimados pela ação cada vez mais violenta e desesperada da extrema direita, enquistada no aparelho repressor. É verdade que a Comissão podia contar com o manto protetor da Igreja, só que este não protegia muito, haja visto o grande número de padres, freiras e leigos que acabaram atirados à cadeia, muitos sendo torturados e alguns assassinados. O próprio presidente da Comissão de Justiça e Paz, Dalmo Dallari, acabou sendo detido em certa ocasião.

Em 1975, Procopio trouxe ao CEBRAP uma encomenda do cardeal Arns: compor um volume retratando de forma objetiva as condições da população pobre de São Paulo. Formou-se uma equipe, da qual Procopio participou, que trabalhou com inspiração e entusiasmo inusitados. Vínhamos estudando o assunto sob diferentes ângulos e o trabalho permitiu-nos sintetizar anos de pesquisa e reunir os vários fios da meada. No ano seguinte, saiu o livro, intitulado *São Paulo 1975: Crescimento e Pobreza*,

que teve de imediato enorme repercussão. Até aquele momento, as publicações do CEBRAP tinham circulado quase só na área acadêmica, onde se mostraram de marcante influência. Mas *São Paulo 1975* teve difusão maciça entre os agentes pastorais e as Comunidades de Base, alcançando, em sucessivas edições, tiragens gigantescas. Pela primeira vez foi possível romper a cortina de silêncio imposta pela censura e contar, em linguagem singela, sem cores dramáticas, o massacre sofrido pelos pobres na capital do "Milagre Brasileiro".

Pouco depois, em setembro de 1976, a sede do CEBRAP sofreu um atentado à bomba. Felizmente não houve vítimas, e o começo de incêndio que ocorreu foi apagado pelo nosso vigia. Era um aviso: o terror estava vivo e não nos pouparia. E de onde ele vinha também ficou claro, quando o secretário de Segurança do Estado de São Paulo declarou à imprensa que o petardo atirado no CEBRAP não passava duma "bombinha de São João"; que bomba mesmo era o livro *São Paulo 1975*, cujo conteúdo marxista fomentava a subversão etc.

Mais uma vez Procopio e a diretoria assumiram a liderança em defesa do CEBRAP. Hoje é difícil até recordar o isolamento em que nos encontrávamos, ilhados pela censura que ainda subjuguava grande parte da imprensa. A defesa consistia essencialmente na arregimentação de amigos e de partidários da abertura política, dentro do próprio governo. O atentado contra o CEBRAP, como tantos outros atentados depois, nunca foi esclarecido. Mas seus efeitos foram neutralizados, graças aos esforços de Procopio, Fernando Henrique e outros membros do Centro, que tinham contatos e influência e conseguiram perceber que a extrema direita estava se isolando e perdendo poder, tendo que recorrer aos atentados em derradeira tentativa para deter a marcha do país de volta à democracia.

O intelectual combatente

Uma das características de Procopio era se engajar, sem aderir às crenças ou convicções, que soem seduzir e arrastar grupos e movimentos, sobretudo quando estão acuados. Nos anos 70, o marxismo de volta às origens, revitalizado pela riqueza de dados científicos, foi um

destes "sinais dos tempos" que empolgaram a esquerda intelectual em toda parte e, com particular intensidade, o CEBRAP. Uma grande parte da melhor produção intelectual do Centro se fez sob essa inspiração. Procopio nunca aderiu a ela. Como crítico e fino polemista, manteve-se fiel ao seu ceticismo e contribuiu deste modo para que nossa visão não se estreitasse em demasia.

Naqueles anos, o chamado "mesão" do CEBRAP foi palco de emocionantes debates, tendo por objeto alguns trabalhos realmente criativos. Nestes debates, Procopio era o "outro", com suas indagações pertinentes e sagazes, que sempre apontavam pontos fracos ou insuficientemente trabalhados e outras perspectivas, que igualmente mereciam ser consideradas. Grande parte de sua colaboração científica foi oral; não se encontra em seus próprios escritos mas nos nossos. Sobrevive na memória dos que tivemos o privilégio de conviver com ele.

Seu estilo como debatedor era inconfundível; claro, incisivo, conciso e elegante. Penso que sua concisão, tanto verbal como escrita, era excessiva. Deixava entrever que tinha muito mais a dizer do que dizia. Fazia parte da discrição, traço marcante de sua personalidade. Nunca falava de si e não permitia que outros falassem. A economia exagerada de palavras denotava certo pudor ao chamar a si a atenção dos ouvintes ou leitores.

Apreciava, de outro lado, a inteligência. Gostava de se comunicar com bons entendedores, aos quais não precisava explicar tudo. E admirava a inteligência intuitiva, que captava sem explicitar os passos da percepção. Talvez por isso teve entre seus discípulos e colaboradores uma maioria de mulheres, nas quais a racionalidade é apenas uma entre várias vias de conquista do desconhecido.

De todos os homens não-públicos, Procopio foi dos mais pranteados. O gentil combatente não deixou inimigos pessoais. Deixou uma legião de amigos desconsolados, muitos dos quais ele certamente mal conhecia. E embora tenha feito tudo para não deixar um exemplo, nisso ele fracassou.

Paul Singer. Professor de Economia na Pós-Graduação da USP e da PUC-SP.

Novos Estudos CEBRAP, São Paulo
n.º 17, pp. 21-25, maio 87
